

## A Era do Rádio

Almocei com dois amigos coetâneos (da mesma idade, ou quase a mesma), gente como eu, que usa a palavra coetâneo, num artigo quando poderiam escrever "quase da mesma idade". Falávamos dos bons velhos tempos - e perguntava-me porque os tempos velhos seriam bons. Acho que, mais jovens, estamos menos cínicos e absorvemos com mais sofreguidão o que nos chega do mundo exterior.

Mas o saudosismo fez-me lembrar que, há coisa de meio século, ouvíamos rádio. E rádio era uma curtição.

Todos ouvíamos a Rádio Nacional do Rio. Havia outras, certamente. Mas ela tinha o Repórter Esso, a Novela das Oito, os programas de auditório com a Emilinha e a Marlene (juntas, acredite, com o Cesar de Alencar). As Piadas do Manduca, que se passavam numa escolinha em que a professora se chamava Dona Teteca e o Manduca era interpretado pelo José de Vasconcelos - um grande comediante. Pouco antes - aos domingos - vinha Tancredo e Trancado, uma espécie de gordo-e-magro sonoro, em que os intérpretes eram Brandão Filho e Apolo Correa. Depois acabaram as Piadas e veio o Edifício Balança-mais-não-cai, coisa do genial Max Nunes que está até hoje na TV Globo, com o Jô. Jô? Era garoto, como eu, e ouvia rádio.

Sei que fui mais ligado do que a maioria no que acontecia no rádio, porque o meu pai era radialista - profissão que ainda não existia. Ele começara em São Paulo, nos anos 30, como speaker da Rádio Cultura, uma emissora que o arrojado empresário brasileiro Cândido Fontoura havia comprado, como uma espécie de brinquedo educativo, para os filhos. Contava-me que havia introduzido, com Manoel da Nóbrega - ambos inspirados pelo rádio americano - o primeiro programa de calouros do Brasil: a Hora da Peneira.

Voltando à Rádio Nacional, lá papai escrevia programas, pois havia sido contratado por Cícero Leuenroth, com um enorme salário, para cuidar do setor de rádio da Standard Propaganda - nos anos 40 e 50, a maior agência brasileira. Um desses programas era à tarde, chamava-se Homem Pássaro - uma espécie de Capitão Marvel tupiniquim - mas seu nome "real" era Dick Voning e era patrocinado pelos produtos Gessy, que ainda não eram Lever. Outro programa que papai escrevia era Jóias da Literatura e cada episódio era baseado em uma obra literária. Por isso, ele tinha, na biblioteca, uma coleção de livros dos Mais Belos Contos dos Mais Famosos Autores, da Editora Vecchi. Lembro-me até hoje de dois deles: Pequenina, de Balzac, uma trágica história de amor entre um homem e uma pantera e O Colar de Brilhantes, clássiquíssimo de Guy de Maupassant, hoje meio esquecido - como o rádio.

Tradutor de Em Busca da Felicidade - com Wilson Martins e Richard Penn (este, o cliente, presidente da Colgate-Palmolive) - meu pai escreveu uma novela de sucesso, Caminho do Céu, que bem podia ser ressuscitada pela Globo e fazer-nos, ainda, ricos.

E antes que o espaço acabe, também: Amigos do Jazz, Radiorelâmpagos Aristolino, A Voz da RCA Victor, A Crónica da Cidade, Nada Além de 2 Minutos, Obrigado Doutor, Viva a Marinha, Ondas Musicais, Um Milhão de Melodias, Na Hora Certa a Notícia Exata, Papel Carbono, Hoje tem Espetáculo, A Felicidade bate à sua Porta, A Hora do Pato - um mundo que silenciou mas que a saudade ainda sintoniza.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. A Era do Rádio **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, abr. 2003. Disponível em <http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=390&ID=147>. Acesso em: 5 mar. 2010.